

## AS ORIGENS E O COTIDIANO DA MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

*Rodrigo Queiroz de Aguiar<sup>1</sup>*

*Márcia Cristina Hizim Pelá<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento do programa de PIVIC da Faculdade Alfredo Nasser e tem como objetivo compreender qual a origem e os fatores que levam a violência de gênero. Para alcançar este objetivo inicialmente será analisada, por meio de estudos bibliográficos, a origem da misoginia na idade média e, posteriormente, por meio de dados, as suas consequências na atualidade. Entre os pontos a serem analisados e apresentados destaca-se: os fatores históricos e socioculturais que levam à desigualdade entre gêneros; a relação entre o patriarcado, a igreja e o asujeitamento da mulher; a associação entre a violência contra a mulher e sua luta por transformações e liberdade no interior das relações familiares e sociais; e, por fim, as consequências socioculturais deste processo no cotidiano de vida de homens e mulheres que compõem a sociedade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Misoginia. Transformação.

### INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um tema que vem pautando os debates e o dia-a-dia dos sujeitos na sociedade contemporânea. Diariamente nos deparamos com manchetes nos meios de comunicação que, expõem esta violência que vai desde agressões físicas e psicológicas até o feminicídio, nos mostram quão urgente é a compreensão dos fatores que levam a este comportamento humano que assola a sociedade contemporânea e desestrutura famílias e o cotidiano de vida de milhares de mulheres.

Compreensão esta que, ao aclarar a origem e os fatores que levam a este fenômeno, poderá contribuir para se possam desenvolver políticas públicas e ações, materiais e imateriais, de combate à violência da mulher, haja vista que apesar das lutas travadas em âmbito público e privado, ainda o número de agressões e feminicídio vem crescendo a cada dia.

Deste modo, a pesquisa abrangerá o presente e o passado, uma vez que é neste movimento dialético que é possível compreender o processo histórico do fenômeno em

---

<sup>1</sup> Acadêmico do sexto período do curso superior em História pela do departamento ISE – Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser no segundo semestre de 2019. E-mail: drigo677@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora da Faculdade Alfredo Nasser e orientadora do projeto de pesquisa. E-mail: marcia.pela@gmail.com.

estudo. O presente, por ser o agora e o momento experienciando, é que as indagações sobre os fatos surgem e, por conseguinte, levam a problemática e a hipótese da pesquisa. Nele também é possível levantar e acessar dados e estáticos que estão presente nas ações e relações sociais cotidianas. Já o estudo passado, possibilita o acesso à origem destes problemas. Ou seja, o processo histórico é fundamental para o entendimento da origem e dos porquês dos problemas cotidianos.

A partir deste movimento dialético, entre presente-passado-presente, pretende-se compreender a origem desse processo de desigualdade entre os gêneros tem um passado longínquo, traçar o movimento real da mulher enquanto sujeito histórico e, finalmente, analisar como se deu o processo de inferiorização da mulher. Contudo, como a pesquisa ainda está em andamento, apresentaremos neste trabalho os resultados parciais.

## **A ORIGEM E O PROCESSO DE INFERIORIZAÇÃO DA MULHER**

Os estudos apontam que desde as primeiras organizações sociais humanas já é possível detectar que a divisão social do trabalho<sup>3</sup>, entre homens e mulheres, nas funções produtivas e reprodutivas. Este é um dos fatores que contribuiu para o processo de assujeitamento da mulher em detrimento do homem, uma vez que no processo de divisão social do trabalho e das funções cabia aos homens, como principal atividade, o trabalho produtivo (caça, pesca e entre outros) e para as mulheres o trabalho doméstico que além de distanciá-la do trabalho produtivo, e a coloca o lar como limite da sua atuação e vivência de poder. Deste modo pode-se dizer que inicia aí a desigualdade entre os gêneros.

A transição da sociedade tribal para a Antiguidade representou o nascimento da família e quanto instituição nuclear, do patriarcado<sup>4</sup> como principal forma de organização social, fato que estabelece o homem como o detentor de poder e, conseqüentemente, condiciona a mulher a submissão ao homem, ao lar e a ficar cada vez mais apartada da vida pública. Na esteira deste processo organizacional e sociocultural da sociedade é que ira surgir e consolidar instituições culturais e políticas que iram garantir e perpetuar esta ordem material e imaterialmente que tem o patriarcado como o modelo de vida organizacional e social. Ou

---

<sup>3</sup> A divisão social do trabalhado é estabelecida entre sexo, função, material e intelectual e entre outras formas de divisão que visa a organização e sistematização que facilita a produção de riquezas de uma sociedade.

<sup>4</sup> É importante ressaltar que o patriarcado implicou com a figura do pai no poder, enquanto as mulheres são direcionadas a vida privada e a reprodução da educação patriarcal no núcleo da família, esse processo do patriarcado implica em uma dominação do homem sobre a mulher.

seja, esta forma de vida, além de ser o modelo a ser seguido, também passa a fazer parte dos preceitos morais da sociedade e, por conseguinte, a ser defendido e difundido pelo discurso oficial.

Este processo não irá acontecer de forma linear, contudo é de tamanha significância e poder social que ainda hoje há herança do patriarcado em nossa sociedade e, apesar de ter havido algumas transformações, esta lógica organizacional continua a ser imposta contra a ação da mulher em sua luta contra a desigualdade. Exemplo desta asseveração é que na transição da Antiguidade para Idade Medieval o patriarcado constituiu em um processo de subordinação da mulher pelos vieses políticos, econômicos e culturais.

No campo econômico esta subordinação acontecia porque que só tinha propriedade aqueles homens que por um laço recíproco com o Rei (suserano) prestasse serviço militar e ao se tornarem soldados e/ou guerreiros. Ou seja, os homens eram os principais beneficiados com terras e poderes. Logo, no campo cultural, a mulher será subjugada pela igreja católica que, ao ter um forte controle sobre as famílias e sobre o conhecimento a ser difundido, limitava a vida sexual e pública das mulheres julgando-as como principal culpada pelos pecados da humanidade. Portanto, o período medieval pelo qual é a construção da sociedade ocidental, levou à cultura tradicional, a divisão e a desigualdade estrutural da mulher na sociedade.

Já na implantação do sistema capitalista, embora apresente uma falsa ideia de liberdade das mulheres, traz no seu interior o conservadorismo, o machismo e a desigualdade entre homens e mulheres. O novo, representando pela urbanidade, ainda está por vir e apesar, das relações sociais está recebendo rápidas transformações e trazendo em si valores de outras sociedades, ainda há em sua estrutura uma formação conturbada e conservadora que se expressa no voto censitário, na dupla jornada de trabalho<sup>5</sup> e na elevada carga horária de trabalho das mulheres nas indústrias e nas más condições de higiene das novas cidades que foram surgindo. E com esses problemas e desprivilegio foi surgindo lutas e resistências contra esse processo desigual.

As resistências surgem junto ao nascimento do capitalismo, no entanto as mulheres participam pela sua emancipação e luta pelos direitos. Luta contra a sociedade tradicional e patriarcal, se constitui por meio das ações parlamentares, lutas nas ruas, resistências através

---

<sup>5</sup> Doméstica “Embora é um trabalho fundamental para as sociedades humanas, por muito tempo foi um trabalho que foi conduzido somente pelas mulheres. Apesar das transformações na sociedade contemporânea, a herança dessa jornada ainda não foi rompida e equalizada” nas indústrias “operária” e nos serviços “operadoras, lojistas e entre outras”.

da mídia e até doméstica com o intuito de buscar melhores condições em uma sociedade que produz e reproduz a desigualdade.

Embora tenha alguns progressos na luta, como a conquista de voto, melhores condições de trabalho, leis que amparam a inserção de mais mulheres nas universidades e leis que busca proteger contra a violência doméstica e pública. Por outro lado, a sociedade não mudou a mentalidade patriarcal e violenta, ela apenas transformou em novas formas e em novas formas de resistências do homem em relação à mulher.

## **A MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

A decorrência da pesquisa nos orienta a refletir sobre o que motiva a violência e aos altos índices de feminicídios que cada vez, ao se pensar esse movimento real é importante compreender o todo. A hipótese vai contribuir para buscar responder o porquê da misoginia, da violência e da extrema violência que leva a morte. A hipótese é da reação dos homens pela tentativa de ação revolucionária das mulheres em chegar na sua emancipação ou igualdade.

A ação das mulheres vem de um longo processo histórico com lutas no interior da sociedade em busca da igualdade na estrutura do patriarcado, impõe resistências. E a reação desse processo no âmbito privado pode ser devoluto em violência. A liberdade e o senso crítico possuem o caráter revolucionário para as mulheres que combate a autoridade, em busca de transformação.

O que é essa violência, a violência pelo qual vamos nos referir nesse presente texto é a violência de gênero e doméstica. Uma violência que pode ser relacionado a laços de intimidade pelas tradições culturais (patriarcado) e a sua desigualdade (desigualdade homem/mulher). Em citação a violência pela relação desigual fica mais explícita, assim afirmam Calvacanti e Oliveira (2007, p. 42):

Em relação à dominação, esta por si só é uma violência simbólica, vez que instituída pela adesão do dominado ao dominador e à própria dominação. Apresenta-se para quem é atingido por seus efeitos, como uma relação “naturalizada”. Ademais, há uma subordinação que se estabelece como parte integrante das relações entre os envolvidos desse processo.

O mundo contemporâneo implica o caos do mundo urbano industrial competitivo e que exclui aqueles que falham, fornecendo isolamento e comportamentos tóxicos. E a violência que vai transformar desigual a relação entre homens e mulheres. Outro fator

importante que ao mesmo tempo reproduz a desigualdade, ela serve para o combate desse processo de dominação e distinção do ser humano, educação condiciona o humano no modo pelo qual ele vive, e a partir da infância que estabelecemos nossos hábitos, valores e a moral.

A educação familiar guia o menino para ser o mais viril, aventureiro, competitivo e inteligente, enquanto as meninas são educadas para serem passivas, subjugada e seus brinquedos sempre relaciona a objetos domésticos. Essa modelo de educação propõe um certo desenvolvimento de uma sociedade dividida entre sexos, e que essas relações continuam desiguais no núcleo da sociedade.

O processo de infância do homem e da mulher é completamente diferente, já estabelecendo uma separação, mas impondo valores que no futuro vão dividir e criar quem domina e quem é dominado. Essa divisão se consolida, e aqueles que propõe desviar desse processo, é hostilizado ou em si sofre pelo insucesso o que resulta na depressão e doenças psíquicas. Assim é importante entender em dados colhidos sobre crime e violência contra as mulheres para perceber o intuito principal da presente pesquisa.

Os dados vão que vão ser apresentado são de meios de comunicações, grupos de estudos sobre a violências e a pesquisa vai concentrar do ano de 2009 até o momento atual (2019). Em busca da reflexão como esse processo vem sendo ainda um problema na atualidade, e o processo de ruptura possui ainda dificuldades enormes.

Em primeiro momento a pesquisa apresentará o levantamento entre 2003-2013 apresenta o homicídio as mulheres, e outro textos sobre levantamentos a partir de março/2015 pelo qual o feminicídio<sup>6</sup> foi sancionado com lei e foi possível fazer a classificação dos dados, pelo crime por condição do sexo feminino.

Em 2006 a introdução da lei Maria da Penha<sup>7</sup> era prevista uma baixa do número de mulheres em território nacional (Brasil), no entanto o que não houve, em dados colhidos pelo Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil, o que será apresentado é um aumento entre 2008 e 2013.

A pesquisa detalha o número ou taxa por 100 mil habitantes, os números entre 2006 que exibe 4.022 (numero) de homicídios de mulheres por 100 mil habitantes, em 2007 esse

---

<sup>6</sup> Lei nº 13.140, de 9 de março de 2015. Mais recente ainda, faz uns poucos meses, em março de 2015 seria sancionada a Lei 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, classificando-o como crime hediondo e com agravantes quando acontece em situações específicas de vulnerabilidade (gravidez, menor de idade, na presença de filhos, etc.).

<sup>7</sup> Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (WAISELFISZ, 2015, p. 7).

número apresenta uma certa baixa, caindo para 3.772, e a tendência seria somente a decadência desses números devido uma lei de proteção as mulheres. No entanto, em 2008 – 4.023 (4,2); 2009 – 4.260 (4,4); 2010 – 4.465 (4,6); 2011 – 4.512 (4,6); 2012 – 4.719 (4,8); 2013 – 4.762 (4,8). E, segundo o índice, o Brasil apresenta números incômodos em ranque mundial:

Com sua taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, o Brasil, num grupo de 83 países com dados homogêneos, fornecidos pela Organização Mundial da Saúde, ocupa uma pouco recomendável 5ª posição, evidenciando que os índices locais excedem, em muito, os encontrados na maior parte dos países do mundo. Efetivamente, só El Salvador, Colômbia, Guatemala (três países latino-americanos) e a Federação Russa evidenciam taxas superiores às do Brasil. Mas as taxas do Brasil são muito superiores às de vários países tidos como civilizados: • 48 vezes mais homicídios femininos que o Reino Unido; • 24 vezes mais homicídios femininos que Irlanda ou Dinamarca; • 16 vezes mais homicídios femininos que Japão ou Escócia. Esse é um claro indicador que os índices do País são excessivamente elevados (WAISELFISZ 2015, p. 27).

A média do Estado de Goiás representou o terceiro no índice sobre homicídios contra as mulheres. Apresentando 8,6 (taxa de homicídio por 100 mil habitantes), somente atrás de Espírito Santo com 9,3 e da Roraima com 15,3. Apresentando um crescimento 73,9% entre 2006-2013.

No entanto sua escala crescente vai contribuir com a criação de leis e medidas no intuito de buscar diminuir esses dados, a lei vigorada em 9 de março de 2015 que busca punir crime por feminicídios, seja pela agressão e morte de mulher por violência doméstica ou não.

A hipótese que ainda é pertinente será que os números de homicídios sobre as mulheres que aumentaram anos pós 2006 seja uma reação a essa lei Maria da Penha<sup>8</sup>.

Em 9 de março de 2015 a lei do feminicídio foi vigorada no código penal com o intuito de punir e diminuir o número dessa violência ou crime contra as mulheres por condição de gênero. Os dados que serão apresentados a seguir vêm denunciando o resultado da pesquisa pós 2015.

Os gráficos são da pesquisa do Núcleo de Estudos sobre a Violência sobre a USP e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, embora os gráficos sejam limitados devido que durante os anos existe problema na falta de liberação dos casos, estados e municípios que só vão entrar em anos posteriores. Apesar do número de assassinatos a mulher ser alto e a investigação precária os números se apresenta entra 0,4 por cento em 2015 a cada 100 mil

---

<sup>8</sup> Lei que contribui diminuindo a violência e os homicídios sobre as mulheres, mas que não erradica com o problema.

habitante, 0,7 % em 2016, 1,0 % em 2017 e 1,1 % em 2018. Os Homicídios diferente do feminicídio entre 2017 e 2018 teve uma queda de 6,5 % (2017 - 4.558 e 2018 – 4254). Os dados levantados apresentam dificuldade como a dificuldade de Estados que não apresentou dados e acredito com a inserção desses estados fica mais fácil identificar esses problemas. Por exemplo no ano de 2015 doze estados não apresentaram nenhuns dados para pesquisa, em 2016 somente oito ficaram de fora da pesquisa, 2017 três ficaram de fora e só foi em 2018 aparece na pesquisa todos os estados do Brasil o que facilita um estudo desse processo.

Com os dados apresentados é interessante perceber as pequenas alterações com as leis que surgem para defender as vítimas de violência de gênero. E o que se diferencia o homicídio contra as mulheres do feminicídio a relação próxima e que é um dos pressupostos que ajudam na pesquisa dos casos.

Os movimentos sociais são outros movimentos que no cotidiano lutam contra as injustiças sociais, portanto é interessante destacar alguns grupos que lutam pela igualdade e que resistem ao processo.

Os movimentos sociais são as primeiras resistências contra esse processo de desigualdade e injustiça social, seja pelo movimento feminista (sufragistas; ciberativistas e entre outras que lutam pela liberdade e igualdade de condições entre homens e mulheres) ou por coletivos masculinos de prevenção de sua própria toxicidade, que buscam tratar o machismo em si e fora de si. Dois coletivos importantes que surgem com esse propósito é o Ressignificação Masculinidade e o Brotherhood que resiste na luta contra o movimento reacionário contra a igualdade dos sexos. É importante ressaltar esses grandes modelos de resistência para a luta de uma sociedade machista e reacionária.

A origem desse processo de desigualdade entre gênero tem um passado longínquo que é importante ser refletido para o desenvolvimento da pesquisa. É de suma importância traçar o movimento real da mulher enquanto sujeito histórico e as asujeitamento durante a história da humanidade.

As primeiras sociedades e a divisão social do trabalho<sup>9</sup> nas funções produtivas e reprodutivas contribuíram para o asujeitamento de um ao outro, o processo de divisão social do trabalho e das funções introduziu para desigualdade entre os gêneros. Para os homens o trabalho produtivo (caça, pesca e entre outros) foi destinado como principal atividade, enquanto as mulheres o trabalho doméstico (distância do trabalho produtivo), o lar ficou proposto a suas funções.

---

<sup>9</sup> Entre sexo, função, material e intelectual e entre outras formas de divisão que visa a organização e sistematização que facilita a produção de riquezas de uma sociedade.

A transição da sociedade tribal para a Antiguidade representou o nascimento da família (instituição) e do patriarcado como principal líder. E o nascimento do Estado pelo qual foi ocupado pelo líder com mais poder. O que condicionou que a mulher cada vez mais distanciasse do público e cada vez mais se submetendo a dominação do homem. O que vai consolidar instituições culturais e políticas vinculando esse discurso.

O patriarcado implicou com a figura do pai no poder, enquanto a mulher são direcionadas a vida privada e a reprodução da educação patriarcal no núcleo da família, esse processo do patriarcado implica em uma dominação do homem sobre a mulher. A herança do patriarcado apesar de obter algumas transformações continua reagindo contra a ação da mulher em sua luta contra igualdade.

A transição da Antiguidade (nascimento do patriarcado) para a Idade Medieval constituiu em um processo de subordinação da mulher pelo viés político, econômico e cultural. No período medieval só tinha propriedade aqueles que por um laço recíproco com o Rei (suserano), prestasse serviço militar. Embora a idade medieval é a interação das culturas germânicas e românicas o soldado e guerreiro era constituído por homens e nessa transição foram os principais beneficiados com terras e poderes.

No campo cultural, é muito implícito como a mulher foi sendo subjugada. A igreja católica e seu forte controle sobre as famílias limitava a vida sexual e pública das mulheres julgando como principal culpada pelos pecados. No campo da produção de conhecimento apesar de ter algumas mulheres que escreveram obras importantes foi muito limitado, pois o conhecimento foi bastante adstrito pela Igreja Católica.

Portanto, o período medieval pelo qual é a construção da sociedade ocidental, conduziram em meio a cultura tradicional a divisão e a desigualdade estrutural da mulher na sociedade.

Embora o sistema capitalista trouxe uma falsa liberdade as mulheres, trazem no seu interior a histeria do novo (urbanidade), as relações sociais vêm recebendo rápidas transformações e trazendo em si valores de outras sociedades. Mas sua formação é conturbada e conservadora, voto censitário, dupla jornada de trabalho<sup>10</sup> e a elevada carga horária de trabalho das mulheres nas indústrias e as más condições de higenes das novas cidades que foram surgindo. E com esses problemas e desprivilegio foi surgindo lutas e resistências contra esse processo desigual.

---

<sup>10</sup> Doméstica “Embora é um trabalho fundamental para as sociedades humanas, por muito tempo foi um trabalho que foi conduzido somente pelas mulheres. Apesar das transformações na sociedade contemporânea, a herança dessa jornada ainda não foi rompida e equalizada” nas indústrias “operária” e nos serviços “operadoras, lojistas e entre outras”.



As resistências surgem junto ao nascimento do capitalismo, no entanto as mulheres participam pela sua emancipação e luta pelos direitos. Luta contra a sociedade tradicional e patriarcal, se constitui por meio das ações parlamentares, lutas nas ruas, resistências através da mídia e até doméstica com o intuito de buscar melhores condições em uma sociedade que produz e reproduz a desigualdade.

Embora tenha alguns progressos na luta, como a conquista de voto, melhores condições de trabalho, leis que amparam a inserção de mais mulheres nas universidades e leis que busca proteger contra a violência doméstica e pública. Por outro lado, a sociedade não mudou a mentalidade patriarcal e violenta, ela apenas transformou em novas formas e em novas formas de resistências do homem em relação à mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa apresentada é apenas um esboço de uma obra inacabada e pertinente para estudos avançados. Este problema elencado não é só uma barreira das mulheres em relação aos homens ou vice-versa, e sim do ser humano que deve buscar por meio da cultura, da educação e de novas formas de interação, de romper com as autoridades na distinção entre sexos na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Fontes literárias da difamação e da defesa da mulher na Idade Média**: Referências obrigatórias, Série Estudos Medievais 2. Araraquara: Fontes, 2009. Disponível em:  
<<http://www.gtestudosmedievais.com.br/index.php/publicacoes/fontes.html#>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARTIN, Virginia. **Entenda por que os homens matam as mulheres**. Disponível em:  
<<https://pleno.news/pleno-entrevista/entenda-por-que-tantos-homens-matam-mulheres.html>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. **Escrever uma história das mulheres**: relatos de uma experiência. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733/1734>> Acesso em: 27 dez. 2018.

PINHEIRO, Leonardo José Cavalcanti. **O Patriarcado presente na Contemporaneidade: Contextos de Violência**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

SCHIMITT, Nayara Graciele. **A influência da cultura patriarcal na produção de violências e na construção das desigualdades entre Homens e Mulheres**: Um olhar dos profissionais que atuam na rede de proteção social no município de Aranguá/SC. Trabalho de conclusão do curso. (Pós-graduação em Educação e Direitos Humanos) - Escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015. Disponível em: <[https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acessado em: 25 jul. 2019.